



O Rádio e suas adaptações na Era Digital¹

Walquiria Izabella FREITAS²

Cosma Ribeiro de ALMEIDA³

Faculdades Integradas de Patos, Patos, PB

RESUMO

Os meios de comunicação incorporam demandas informativas e tecnológicas em toda a sua trajetória de evolução, mediante novas ferramentas de transmissão e recepção de dados, como também de fontes de informação inovadas com a era digital. O rádio deixou de ser apenas um veículo de comunicação barato e com poucos fins lucrativos, para que com o passar dos tempos adquirisse maior credibilidade e carisma dos ouvintes através do seu imediatismo, da integração ao cotidiano com as questões culturais e sociais e por intermédio da fácil adaptação as inovações tecnológicas. Com esse estudo acompanharemos e discutiremos as mudanças históricas e tecnológicas do veículo do rádio.

PALAVRAS-CHAVE: Rádio; História; Era Digital.

O rádio tem características marcantes em relação aos demais meios de comunicação e em meio à comemoração dos 86 anos da fundação da primeira emissora no Brasil, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, e 71 anos da radiodifusão em Cajazeiras – Paraíba, vemos que a cada dia a população se informa pelo rádio, aproveitando suas características centrais, como o imediatismo, a proximidade e a mobilidade.

O rádio é um veículo de comunicação que tem como característica o apelo da fala direta com o público, o contato íntimo entre o ouvinte e o locutor, integrando-se ao cotidiano do ambiente familiar da comunidade. Ele é rico em sugestões e tem a capacidade de criar imagens, estabelecer laços e despertar uma apaixonante sensação de intimidade com o ouvinte.

Roquette Pinto, o “Pai da radiodifusão brasileira”, afirmava que o rádio é o jornal dos que não sabem ler, o mestre de quem não pode ir a escola, o divertimento do pobre, o animador de novas esperanças, o consolador dos enfermos, o guia dos sãos, desde que o realizem com espírito altruísta e elevado.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Recém-Graduada no Curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo das FIP, email: izabellafreitass@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora Ms. do Curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo das FIP, email: cosma_almeida@yahoo.com.br



Desde suas primeiras experiências no mundo, o Rádio inicialmente surgiu apenas como um tipo de meio de comunicação com baixos custos, mas que aos poucos conquistou a todos que ficavam maravilhados ou ouvirem suas vozes propagadas no ar.

Mediante as inovações tecnológicas nos meios de comunicação, inicialmente na década de 50 com o advento da televisão, imaginava-se que o Rádio não resistiria ao tempo, mito esse que foi quebrado e fez surgir outras indagações, como: De que maneira será o rádio no século XXI? Quais suas funcionalidades? Como será a parceria do seu imediatismo das notícias com a globalização da internet?

No Brasil, escuta-se rádio em ondas médias, tropicais e curtas ou com frequência modulada, mas as novas opções de propagação do veículo são: TV por assinatura, o satélite com modalidade exclusiva para áudio, via antena parabólica de sinais de codificação de cadeias de emissoras em AM ou FM e a internet, através da rede mundial de computadores dando oportunidade ao surgimento de *web rádios*.

Apesar do rádio já estar vivenciando as inovações da era digital, ainda tem como característica primordial o contato direto com seus ouvintes, mas que agora passaram de apenas alguns ouvintes no raio de alcance dos transmissores das emissoras para atingirem os novos “*ciber-ouvintes*” com o envio de sinais à distância (Internet).

As inovações tecnológicas digitais não param por aí, passamos a viver com a descentralização da produção, a personalização de conteúdos e a informação de alta qualidade sonora em tempo real.

Diante dessa revolução histórica do rádio, neste artigo será abordado desde as origens do meio de comunicação, o entendimento de sua chegada ao Brasil e o seu período de apogeu, além de suas novas manifestações e possíveis mudanças associado à era digital, a respeito deste veículo observando as questões do processo de comunicação através da sociedade globalizada, da cultura e do ponto educativo.

Origens do rádio

O surgimento da radiodifusão pode ser atribuído ao desenvolvimento das transmissões de som a longa distância sem a utilização de fios, como também na necessidade da propagação dos meios de comunicação massivos. Rapidamente tornou-se um meio de comunicação universal pela forma como suas notícias percorriam o mundo numa fração de segundos.



Quando o rádio surgiu entre os meios de comunicação, tinha como função inicial e primordial, servir como elo entre pessoas que se utilizavam de rádios de comunicação. Com os avanços tecnológicos tornou-se possível que o rádio deixasse de ser exclusivamente bidirecional, onde servia de elo apenas entre dois sujeitos e passasse a ser unidirecional possibilitando que se transformasse em um meio de comunicação massiva. Trata-se de um meio cego, mas que pode estimular a imaginação, de modo que logo ao ouvir a voz do locutor o ouvinte tenta visualizar o que ouve, criando na mente a figura do dono da voz (MCLEISH, 2001).

Os primeiros sinais do desenvolvimento nos meios de comunicação tinham como base as pesquisas da existência de ondas eletromagnéticas e os avanços adquiridos a partir do telegrafo e do telefone, que foram intensificados a partir de 1830, na transição do século X para o início do século XX.

Em 1887 o cientista Heinrich Rudolf Hertz⁴ constatou a existência das ondas de rádio, que são chamadas de "ondas hertzianas", as quais a partir daí, tornava-se ponto de partida para uma série de experiências. Essa descoberta foi aproveitada pelo brasileiro Padre Roberto Landell de Moura⁵, que em 1894 construiu um aparelho capaz de enviar a voz através das ondas do rádio, na forma de impulso elétrico, que era recebido por outro situado a quilômetros de distância, só que não foi reconhecido porque ele não fazia parte da comunidade científica internacional. Por esse motivo o italiano Guglielmo Marconi⁶, empresário que detinha patente sobre diversos inventos, os quais aprimorava e desenvolvia em novos e mais potentes equipamentos, e que conseguiu modificar o sistema de Morse (transmissão por fio) para o sistema "sem fio" em 1896, transmitindo alguns sinais sem fio a uma pequena distância, passou a ser o mais conhecido em todo o mundo quando se fala de rádio.

A diferença entre os seus inventos inicialmente, era que ao contrário de Landell, que enviava suas mensagens por oito quilômetros distantes do ponto da transmissão, o do Marconi transmitia apenas através de uma distância máxima de cem metros.

Em 1906, Reginald Fessenden⁷, construiu um microfone conseguindo transmitir pelo

⁴ Físico alemão que demonstrou a existência da radiação electromagnética criando aparelhos emissores e detectores de ondas de rádio.

⁵ Foi pioneiro inventor do sistema prático de telegrafia sem fios, em 1896.

Engenheiro e físico canadense, pesquisador em rádio e comunicação submarina que fez a primeira transmissão à longa distância de rádio combinando voz e música (1906).
na transmissão da voz humana sem fio, através do seu pioneirismo foi concedido o título de patrono dos radioamadores do Brasil.

⁶ Físico italiano, inventor do sistema prático de telegrafia sem fios, em 1896.

⁷ Engenheiro e físico canadense, pesquisador em rádio e comunicação submarina que fez a primeira transmissão à longa distância de rádio combinando voz e música (1906).



espaço a sua voz contínua e músicas, o que não significou instantaneamente no surgimento do veículo do rádio, mas no advento da radiotelefonía. Entretanto, em 1916 o russo David Sarnoff⁸ inventou o conceito do rádio como meio de comunicação, logo sendo lançado como bases para emissoras comerciais, conseqüentemente permitindo a Guglielmo Marconi o pioneirismo em termos de indústria eletro-eletrônica.

A indústria norte-americana Westinghouse na década de 20, ficou com um grande estoque de aparelhos de rádio fabricados para as tropas na 1ª guerra mundial. A radiodifusão nasceu por acaso, digamos que ela surgiu com a finalidade de ser uma tecnologia econômica, tendo apenas alguns problemas com financiamento, já que os pioneiros imaginavam em lucrar cobrando assinaturas aos ouvintes.

A Westinghouse Electric Co. , tinha como principal financiamento a disputa do controle das cartas patentes e da implementação das comunicações por ondas eletromagnéticas, e foi através da idéia de criar a primeira difusora comercial do mundo que surgiu então a conhecida Rádio “K.D.K.A.”⁹ de Pittsburgh. Em apenas uma década, a radiodifusão espalhou por todo o mundo e o número de receptores aumentou.

Devido à proliferação de emissoras nos Estados Unidos, as ondas começaram a se misturar no ar, interferindo-se umas nas outras, devido à desorganização do espaço. Com esses transtornos, tornou-se necessário regulamentar as frequências das emissoras de rádio através do Departamento do Comércio, logo depois chamado de Comissão Federal de Radiocomunicação, mediante exame de qualificação e a determinação dos horários de operação de cada uma.

No período de crises sociais e políticas que abalavam o mundo, como a grande depressão de 1929, a qual representou três anos difíceis e seguidos de uma lenta e difícil recuperação para as grandes potências mundiais, devido ter ficado ligada com a Segunda Guerra Mundial, a radiodifusão, apesar dos percalços vividos, era vista como um importante instrumento de propaganda político-ideológica, de mobilização nacional e de manutenção da coesão social. Nos anos de 1920 e 1930 a radiodifusão se consolidou como meio de informação, de cultura e de entretenimento.

No Brasil, a primeira transmissão radiofônica oficial foi em 1922, na cidade do Rio de Janeiro, durante as comemorações dos cem anos da Independência do País. A repartição

⁸ Executivo soviético, notabilizado por suas inovações no campo do rádio e da televisão. Em 1915 apresentou um modelo de rádio-receptor, um meio de levar o rádio à casa das pessoas e ganhar dinheiro explorando-o comercialmente. Sua invenção equivaleu à introdução da internet no final do último milênio, em termos de comunicação.

⁹ Estação de rádio AM licenciado para Pittsburgh, na Pensilvânia, Estados Unidos. As letras foram atribuídas a partir de uma lista mantida para fornecer identificação para navios e estações de costa marinha, únicos serviços regulares do rádio na época.



geral dos Telégrafos em parceria com Westinghouse promoveu a primeira demonstração pública de radiodifusão sonora na Feira Comemorativa de Centenário da Independência, transmitindo o discurso do paraibano e então Presidente Epitácio Pessoa que teve a sua voz propagada pelas ondas do rádio para os alto-falantes instalados no centro da cidade e os acordes da peça, “O Guarani”, de Carlos Gomes, executada no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Na oportunidade, foram distribuídos oitenta receptores às autoridades civis e militares, fazendo com que o som fosse captado em diversos pontos da então capital federal. Durante o evento, o serviço de radiotelefonia com alto-falantes, importado dos Estados Unidos, transmitiu músicas e previsão do tempo, atingindo o seu objetivo de despertar interesse, sendo criada no ano seguinte a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.

Antes disso, porém, experiências já eram feitas por alguns amadores, como é o caso da Rádio Clube de Pernambuco, que foi fundada em 6 de abril de 1919 por um grupo de amadores com relação a recepção de radiotelegráfica, mas que em outubro de 1922 foi reorganizada, com o intuito de fazer a sua primeira transmissão à radiodifusão com um pequeno transmissor de 10 watts fabricado pela Westinghouse. O que de acordo com Luiz Maranhão Filho (2000), daria à emissora pernambucana uma antecipação, em relação à transmissão de um semestre sobre a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.

No Brasil o título de “pai da radiodifusão” coube ao médico legista Edgard Roquette Pinto, que demonstrou interesse em relação aos meios de comunicação, em especial ao rádio, prevendo ainda na fase embrionária do veículo de comunicação que ele serviria como um difusor de cultura popular, elevando o nível cultural da população brasileira, que em sua maioria era analfabeta. Mas, é interessante observar que o rádio nasceu na elite, e foi para ela que se dirigiram os primeiros programas.

Roquette Pinto estava convencido do potencial do rádio como um veículo de comunicação de massa, apesar do alto custo dos receptores e da programação requintada, porém os custos da produção eram sanados pelos ouvintes que pagavam mensalidades às emissoras, apesar da proibição da propaganda no rádio naquele período.

O grande desafio da época para os investidores do rádio era motivar o povo a ouvir a programação, fazendo com que tornasse parte da rotina das famílias brasileiras e instalando caixas de audiência coletiva, permitindo a troca de idéias e o aglomerado nas praças públicas. Como afirma Ferrareto (2001: p.100): “Na primeira metade dos anos



20, portanto, o Brasil ainda não havia despertado para as potencialidades de lucro do rádio a partir de uma programação financiada pela venda de espaço publicitário”.

O Brasil ainda sem televisão na década de 30 viveu a chamada “Era do Rádio”, sendo o principal meio de divulgação de informações, de artistas e talentos que começaram a se destacar. A partir das primeiras emissões, começou a se observar o fenômeno da radiopropagação, o que entusiasmou técnicos e engenheiros, pois as emissoras começaram a receber correspondências de que estavam sendo captadas em cidades e países distantes.

O rádio passava a se tornar uma paixão nacional, a exemplo disso na Paraíba à primeira estação de rádio surgiu na capital, João Pessoa, entre 1930 a 1931, com um transmissor de 10 watts montado artesanalmente. Nesse período, o Estado começava a dar sinais de crescimento e sentir a necessidade da criação de uma emissora com raízes paraibanas, nascendo a Rádio Clube da Paraíba. A emissora funcionava como as demais existentes no país, era uma empresa mantida por associados que contribuíam financeiramente para a sua manutenção.

A primeira transmissão externa realizada na Paraíba pela Rádio Clube, tornando-a pioneira no radiojornalismo no estado, foi realizada quando a emissora cobriu a visita de Getúlio Vargas ao estado paraibano. Durante a visita foi inaugurada a Associação Paraibana de Imprensa com a presença do Presidente e outras autoridades.

Em 28 de março de 1936 a artesanal Rádio Clube da Paraíba teve as suas instalações destruídas por um incêndio fazendo com que os seus associados doassem o que restou ao governo do Estado, sendo a partir daí intitulada como a primeira estatal da radiodifusão brasileira. Quase um ano após o incidente nasce a PRI-4, Rádio Difusora da Paraíba, inaugurada em 26 de janeiro de 1937 com a frequência de 1.08 khz em onda média, refletindo a partir daí a predominância do Estado sobre a sociedade e dando continuidade a história da radiodifusão. Em 15 de abril de 1937, passou a se chamar de Rádio Tabajara em homenagem aos primitivos habitantes do Estado, os índios Tabajaras.

Inicialmente só na Paraíba na década de 50 foram inauguradas a Rádio AM Borborema, pertencente à rede Diários Associados de Assis Chateaubriand, no mesmo ano em primeiro de agosto entrava no ar a Rádio Espinharas de Patos, a primeira emissora do Sertão Paraibano, em 16 de agosto foi a vez da Rádio Arapuan e em 21 de maio de 1964 a Rádio Difusora de Cajazeiras, nascendo a Escola do Rádio Paraibano, para orgulho



dos cajazeirenses.

Em 1932, o Presidente da República do Brasil, Getúlio Vargas, autorizou a veiculação de publicidade no rádio, dando ao novo meio de comunicação, um impulso comercial e popular, como afirma: Ferraretto (2001: p.103): “A regulamentação da publicidade pelo Decreto nº 21.111 impulsionou o rádio como empreendimento comercial.” Com a publicidade como suporte da programação, o objetivo de todas as emissoras passou a ser a conquista da audiência. Surgiu a partir daí características do rádio seguidas até hoje, como, a utilização da linguagem emotiva e de entendimento fácil.

Sabendo o alcance e o poder de penetração do rádio sobre a população brasileira, foi criado por decreto presidencial em 1931 o Departamento Oficial de Publicidade, e em 1934 o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC). No Estado Novo¹⁰ em 1938, o DPDC transformou-se no Departamento Nacional de Propaganda (DNP) que posteriormente em 1939 foi chamado de Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), com o objetivo de difundir a ideologia do Estado Novo junto às camadas sociais, cabendo-lhe coordenar, orientar e centralizar a propaganda interna e externa e permitindo ao governo exercer o controle e o monopólio da informação. Cada vez mais os meios de comunicação serviam como uma ferramenta primordial para a manipulação da opinião pública.

Sendo assim, um dos maiores marcos do rádio no Brasil foi a inauguração da Rádio Nacional, em 12 de setembro de 1936, no Rio de Janeiro, emissora essa que se tornaria uma lenda na história da radiodifusão. Foi a primeira emissora a organizar-se burocraticamente como uma empresa liderando a audiência durante 20 anos e que criou padrões de linguagem simples para o rádio brasileiro usados até hoje, servindo de conciliação entre as diversas classes sociais.

A popularização do rádio como o maior meio de comunicação no país, possibilitou não somente no grande crescimento nas vendas dos anunciantes da época, mas também mobilizou as massas urbanas para a padronização de valores, gostos e crenças. Com o crescimento da indústria e do comércio, o número de propagandas aumentou, tornando-se um negócio lucrativo.

Na década de 40 a Rádio Nacional lançou o noticiário histórico do rádio, o “Repórter Esso” (1941), que inaugurou o radiojornalismo brasileiro, sendo transmitido em quatorze países do continente americano por cinquenta e nove estações de rádio,

¹⁰ Regime implantado por Getúlio Vargas sob a justificativa de uma nova ameaça de golpe comunista no país.



abrindo as portas para os jornais falados que se seguiram e tornando-os recordes de audiência.

A maior contribuição do programa jornalístico Esso foi a inovação do radiojornalismo brasileiro, que a partir de então passava a ter novas características, como: o modelo de texto linear, direto, corrido e sem adjetivações, de forma ágil e bem estruturada. Foi o noticiário de maior importância da época, sendo durante os seus primeiros quatro anos de existência sempre o primeiro a dar os furos jornalísticos da Segunda Guerra Mundial. A partir de 1968 surge uma nova modalidade de radiodifusão, as emissoras de Freqüência Modulada, usando a faixa 87,5 Mhz a 108 Mhz com modulação em freqüência e tendo uma grade de programação em sua maioria uma programação musical. É de excelente qualidade uma rádio FM embora seu alcance seja limitado, ou seja, um alcance de aproximadamente 100 quilômetros.

A ação governamental na distribuição de concessões de FM tratava-se inicialmente de uma questão estratégica, pois era preciso interiorizar a radiodifusão em todo o Brasil, isso como forma de garantir a estabilidade política do governo militar.

O rádio no Alto Sertão paraibano

A história do Rádio em Cajazeiras começou através do Serviço de Alto-Falantes (SAF). O primeiro embrião da radiofonia da cidade foi instalado em postes de iluminação pública e distribuído em alguns pontos estratégicos no centro da cidade no dia 05 de agosto de 1938, com o nome de Difusora Rádio Cajazeiras, causando espanto e curiosidade a população acerca dessa novidade, a qual as pessoas ainda não tinham noção do que poderia se tratar.

O sistema radiofônico artesanal tinha como percussores os Senhores Antônio Carvalho e Antônio Dutra, ambos donos da loja de eletrodomésticos Carvalho & Dutra Comércio S.A. facilitando dessa forma o problema das questões técnicas do SAF, Mozart Assis, ex-funcionário da loja, que era Técnico em Eletrônica e que havia morado em São Paulo, um centro em que o Rádio já se encontrava em um estágio bem mais estruturado, e José Adegildes.

A amplificadora sofria grande influência por emissoras de outros Estados, como também, do exterior, de onde se captavam ondas curtas através do uso do serviço de “rádio escuta” pelos que faziam sua programação.



Em 1940 foi ao ar a primeira transmissão externa de uma das visitas do Frei Damião à Cajazeiras em uma de suas peregrinações pelo Nordeste. Foi um marco na história radiofônica o momento em que os microfones saíram do estúdio e foram levados até a Praça, passando por vários obstáculos para concretizar essa ousada transmissão, fazendo todo esse esforço para informar e transmitir o evento a seus ouvintes.

Diante do grande sucesso do primeiro Sistema de Alto-Falante, surgiram entre os anos de 1948 a 1949 mais dois SAFs: a Difusora Rio do Peixe e a Voz do Sertão. Essas novas alternativas ofereciam à população cajazeirense diversidade de opção e possibilitava uma cobertura completa da cidade que antes só se concentrava no centro, a radiofonia passava a fazer parte da rotina da cidade.

Na década de 50 já havia mais de vinte difusoras espalhadas pelas principais ruas de Cajazeiras e os SAFs passavam a assumir uma identidade não só informativa, mais também de entretenimento e com o objeto de divulgar a cultura da cidade e do interesse coletivo. Mesmo em sua fase inicial, o rádio cajazeirense proporcionou a propagação e a massificação dos movimentos sócio-culturais na cidade, através da transmissão de festivais de Música, programas de auditório, parceria com espetáculos teatrais, entre outros.

Além da população sentir a necessidade de ser agraciado com o benefício da implantação de uma emissora de Rádio e até mesmo pelo prestígio social da cidade ser pioneira em relação ao empreendimento em toda a região, a luta pela implantação intensificou-se em 1964, quando a Difusora Rádio Cajazeiras entra no ar em caráter experimental para ajustamento de aparelhagem e começa a irradiar uma programação musical para fazer seus testes. Cajazeiras e região entravam em clima de surpresa ao sintonizarem a nova estação de rádio (VILAR, 1997).

Após alguns meses de testes a Rádio Difusora faz a sua inauguração com uma programação oficial a partir de 31 de maio do mesmo ano e passa a ser conhecida como “a pioneira”, pelo fato de ser a primeira a entrar em funcionamento na cidade e nas cidades circunvizinhas do Sertão paraibano conquistando conceito e popularidade.

A programação da Difusora Rádio Cajazeiras não foi algo imediato, ainda era improvisado, não existia uma grade de programação pronta, isso porque não se tinha uma noção exata do funcionamento de uma emissora de rádio. A solução foi copiar modelos de rádios bem-sucedidas de outros Estados e até mesmo do Exterior, que pudessem ser captadas na cidade. A principal rede na qual se espelhava as emissoras era



o Diário dos Associados. Copiava-se muito da Tupy que naquele tempo era um padrão para as emissoras de rádio no Brasil, a nível estadual o espelho era a Rádio Borborema de Campina Grande.

O trabalho de “rádio-escuta” utilizado algumas vezes no SAF permanecia também na Rádio Difusora, devido à preocupação de repassar boas informações aos ouvintes, como também uma forma de enriquecer culturalmente a programação da emissora, com isso se fazia um noticiário através do rádio-escuta com emissoras do Rio de Janeiro, São Paulo e a BBC, onde condensava os fatos e repassava aos ouvintes.

A receptividade da comunidade quanto a Rádio Difusora foi bastante positiva e até mesmo inesperada. Mesmo a emissora sendo de Capital Privado toda a população colaborava com ela, mobilizando a todos no sentido de ajudar, principalmente através de doações de discos. Tudo acontecia de forma espontânea, todos passaram a amar o rádio, todos queriam fazer rádio, ele passou a ser querido na cidade.

A emissora ainda em fase inicial funcionava de forma amadora, só tinha locutores da cidade que tinham vindo da transição dos amplificadores e curiosos. Mozart tendo a preocupação de dar credibilidade ao seu veículo de comunicação começou a trazer profissionais do Juazeiro do Norte onde já havia nomes de destaque no rádio. Era experiência o que ele buscava, já que era justamente disso que a emissora necessitava.

Dois anos após a instalação da Difusora Rádio Cajazeiras em 01 julho de 1966 é inaugurada a Rádio Alto Piranhas administrada pela Diocese nesse período e tendo a diretoria Monsenhor Vicente Freitas e Dom Zacarias, representando a Diocese, tendo por isso inicialmente uma programação fortemente religiosa.

Com a desvantagem de dois anos em relação à Difusora e com a grade de programação religiosa com que trabalhava, a Rádio Alto Piranhas teve que criar um novo plano tático para que pudesse entrar no páreo competitivo para conseguir despertar a atenção dos ouvintes.

Em um longo período em Cajazeiras, o Rádio era Escola, uma grande escola de comunicação. Trabalhar nas emissoras da cidade nas décadas de 60, 70 e 80 era uma aprendizagem para quem quisesse seguir no jornalismo, porque naquele tempo, todos que saíram de lá, tiveram uma base para se destacarem em alguma das inúmeras áreas da comunicação. Cajazeiras sempre se destacou como uma cidade formadora na área de Comunicação. Teve um celeiro importante de bons profissionais na área, tanto que hoje em dia ela ainda exporta vários deles para os mais variados recantos.



Na DRC a programação era completamente pautada, programada, tudo era redigido para depois ser executado, o improvisado era uma palavra que não existia no vocabulário dos padrões da Rádio. O diretor, Mozart de Assis, ensinava a todos os aprendizes do veículo do rádio que tudo era notícia, inclusive quando não acontecia nada, explicava aos funcionários da DRC que por mais simples que fosse o fato, sendo ele uma pequena chuva, a falta de iluminação em uma rua ou a irregularidade da coleta do lixo, tudo isso era de interesse da sociedade, por isso merecia ser comentado, relatado.

Já na Rádio Alto Piranhas, também outra grande “Escola do Rádio” cajazeirense, surgiram outros Mestres que fizeram história na terra do Padre Rolim¹¹, a exemplo disso podemos citar o saudoso Zeilton Trajano que foi um dos primeiros diretores da Rádio, era considerado um autodidata, um profissional versátil, um homem nascido para a comunicação e acima de tudo o responsável por alavancar a RAP na década de 70, além de ter sido um homem visionário, estava sempre envolvido com projetos culturais da cidade, era literalmente uma pessoa com um grande poder de comunicação e sempre antenado com o mundo, porém muito inquieto, fazendo sempre com que as coisas acontecessem de forma rápida (VILAR, 1997). Outro grande destaque na emissora Alto Piranhas era o Monsenhor Vicente Freitas, Diretor-Geral, que exigia muito em relação ao bom uso da língua Portuguesa aos profissionais da rádio.

Mesmo com um percentual de 27% de residências brasileiras que em 1970 já possuíam aparelhos televisivos, principalmente estando grande parte desses consumidores concentrados no eixo Rio - São Paulo, o rádio ainda era um grande veículo de comunicação em grande parte do país, de acordo com o censo demográfico nacional (1970). Nesse período a televisão ainda não era forte na cidade de Cajazeiras, tornando o veículo do Rádio a sensação de todos que queriam estar bem informados dos acontecimentos da cidade e Região, fazendo com que as rádios sentissem a necessidade de criar um programa com um novo estilo de jornalismo que hoje em dia todo mundo pratica na Paraíba, um programa polêmico, com características de programa aberto com entrevistas sem script apenas com roteiro, fora de um padrão comum para a época.

Enquanto a DRC defendia a corrente da forma, a Rádio Alto Piranhas começa a partir dos anos 70 a realizar programas que colocava em pauta os problemas da comunidade, transmitia grandes entrevistas, polemizando temas de interesse social, fazia questionamentos ao poder público, sempre tomava uma postura mais inovadora para o

¹¹ A cidade de Cajazeiras tem esse jargão em função do seu fundador o Padre Inácio de Sousa Rolim.



rádio, que naquele momento tentava diferir da Difusora Rádio Cajazeiras como forma de que se pudesse conquistar grande parte de seus ouvintes. Entretanto, apesar da grande rivalidade de ambas as partes em conquistar os ouvintes, todas tinham um objetivo em comum: o de divulgar a cidade e suas potencialidades, sempre enfatizando as questões política, econômica e sócio-cultural.

Nos anos 80 começava a disseminar as rádios com frequência modulada (FM) em todo o Brasil. É interessante observar que alguns dos profissionais desbravadores do rádio cajazeirense já apresentavam os seus programas com características de FM, mas a cidade só passou mesmo a conviver com a inovação em 28 de março de 1980 com a fundação da FM Patamuté (94.5), mais um investimento no setor de comunicação do empresário Mozart de Assis.

Até aquele momento a frequência modulada (FM) não passava de algo sem funcionalidade que constava no dial dos rádios, era algo tão inovador que só existiam três receptores na cidade. No Estado, a emissora mais próxima era a Campina FM (93.1) fundada em 21 de outubro de 1978, sendo a primeira do Estado e a segunda no Nordeste, estando esta rádio a mais de 300 km de distância na cidade de Campina Grande - PB.

Inicialmente a nova conquista na comunicação cajazeirense teve alguns limites, em razão de Mozart ter optado por uma programação conhecida pelos radialistas de formato enlatado, por ser adquirida pelas emissoras de forma pronta para transmissão, com exceção dos anúncios publicitários. Devido a diferente realidade da grade de programação para os costumes sociais e culturais da cidade, a rádio teve problemas financeiros, mas após adotar uma programação própria reverteu o quadro e ganhou um grande número de anunciantes e ouvintes.

No início da Segunda Grande Guerra, cresceu no rádio a importância do setor de jornalismo, tendo como interesse principal o imediatismo nas notícias, abrindo o campo para o desenvolvimento de noticiários dinâmicos e criativos. Inicialmente a dificuldade que acompanhava o discurso do rádio informativo era encontrar uma maneira de expressar de forma sonora um conteúdo que originalmente tinha sido veiculado no jornal impresso, foi então verificada a necessidade de criar no radiojornalismo técnicas de redação e locução para facilitar a compreensão da mensagem jornalística que se pretendia transmitir.

O imediatismo do rádio e a necessidade de poucos recursos técnicos fizeram com que o



veículo trabalhasse melhor através do radiojornalismo com os fatos, mediante a sua reação de propagação rápida.

Diante dessa realidade do imediatismo e após várias reformulações no rádio cajazeirense, surge o programa “Boca Quente” em fevereiro de 1986, com a proposta de inovar o radiojornalismo numa nova fórmula de se fazer jornalismo, adotando um projeto onde abria o espaço do rádio para a veiculação dos problemas da população, transformando o horário da tarde em uma tribuna livre.

O que diferenciava o “Boca Quente” dos demais programas jornalísticos era a sua proposta bem elaborada, que tinha como idéia inicial, colocar em um único espaço todos os temas para explorá-los com debates e discussões, modificando toda a forma tradicional até então utilizada. Sentia-se a necessidade de se trabalhar com reportagens vivas, onde o ouvinte falasse ao vivo, com debates e principalmente quebrando o mito do locutor de voz impostada.

Diante desses fatos, pode-se constatar que o rádio cajazeirense constituiu a “Escola do Rádio Paraibana”, e que os profissionais que passaram por essa “escola” aprenderam cada lição da cartilha radiofônica lecionada na prática do dia-a-dia pelos apaixonados do Rádio e pela comunicação, inovando o veículo e utilizando-o para a propagação não só da comunicação, mas das questões culturais e sociais de suma importância à cidadania.

O veículo do rádio na era digital

O rádio atravessou muitos momentos da história do século XX tendo como norte o diálogo com os diferentes horizontes, sempre demonstrando sua capacidade de adaptação aos diferentes contextos, devido a sua característica de mobilização e imediatismo.

No curso do século XX, o desenvolvimento e a expansão capilar dos meios de comunicação de massa seguiram o progresso científico e tecnológico. O avanço da tecnologia permitiu a reprodução em grande quantidade de materiais informativos a baixo custo. As tecnologias de reprodução física, como a imprensa, a gravação de discos de música e a reprodução de filmes seguiram a reprodução de livros, jornais e filmes a baixo preço para um amplo público. Pela primeira vez, a televisão e o rádio permitiram a reprodução eletrônica de informações. Se, inicialmente, o termo "meios de comunicação de massa" se referia basicamente a jornais, rádio e televisões, no final do



século XX a internet também entrou fortemente no setor.

Com a explosão da Internet e a popularização do uso dos controles remotos, surge o conceito de navegação para dar conta do que seria uma nova forma de fruição dos produtos culturais, uma característica da era eletrônica. O que pouca gente sabe é que ela surgiu há mais de setenta anos, de uma forma natural, com as primeiras emissoras de rádio. (MEDITSCH, 1997).

O valor da permanência do rádio ao longo da história é ainda um tema de grandes discussões, principalmente no início do novo século marcado pela crescente interatividade técnica decorrente da migração do analógico para o digital e uma era de transformações tecnológicas. Ao longo de sua história, o rádio brasileiro passou por um processo de remodelagem na linguagem, formato e processo produtivo sobre a influência das mutações das técnicas de produção, e não apenas ele, mas todas as mídias tradicionais buscam se adaptar ao mundo digital, remodelando seus serviços e produtos.

A inovação tecnológica proporcionou uma mobilidade muito superior, contribuindo com eficácia ao conceito de velocidade e instantaneidade na divulgação da informação.

O rádio é um meio de comunicação de massa que atende as necessidades da sociedade que busca ansiosamente por informações, serve de entretenimento e também é utilizada como uma forma de suprir a ambição de governos que se utilizam do meio para se aproximar das massas com maior facilidade.

Sempre foi considerado como o veículo que mais sofreu modificações em toda a sua história, ele é capaz de co-existir em diferentes formas, mantendo sempre o áudio como o seu suporte básico, porém contando com a facilidade de se agregar com a internet e a tecnologia digital propiciando uma maior propagação de suas mensagens. O rádio sempre será uma supremacia no que se diz respeito a sua capacidade de abrangência, ele é um meio de comunicação que atinge populações geograficamente distantes dos grandes centros urbanos e os analfabetos.

No fim do século XXI sob a vigência da rede mundial de computadores, as emissoras de rádio terão que mostrar ao público por que estão no ar e o que eles têm a oferecer ao público, caso contrário, sucumbirão diante da concorrência dos maiores. (BIANCO, 2004).



REFERÊNCIAS

BIANCO, Nelia R. Del. **Remediação do radiojornalismo na era da informação**. In: Tese de doutorado em radiojornalismo. Rádio. São Paulo: USP, 2004.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. 2 Ed. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

FILHO, Luiz Maranhão. **Memória do rádio**. 2 ED. Recife, PE: Jangada, 2000.

MCLEISH, Robert. **Produção de rádio: um guia abrangente de produção radiofônica**. 1 Ed. São Paulo: Summus, 2001.

MEDITSCH, Eduardo. **A nova era do rádio: o discurso do radiojornalismo enquanto produto intelectual eletrônico**. Santa Catarina. Disponível em < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-discurso-radiojornalismo.pdf>> acesso em 28/05/2009.

OCTÁVIO, José. **História da Paraíba**. 4 Ed. João Pessoa, PB: Universitária, 1997.

VILAR, Lúcio. **Janelas da sedução cotidiana: estudo sobre cultura e comunicação**. 1 Ed. João Pessoa, PB: Universitária, 1997.